

**Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
História e Filosofia da Educação**

2001. Odisseia no Espaço

**Ana Cristina Costa de Jesus
1998/99**

Nota de abertura

O livro de Arthur C. Clarke - *2001 Odisseia no espaço* - foi escrito por sugestão de Stanley Kubric como guião para um filme de ficção científica.

“So Stanley suggested that before we embarked on the drudgery of the script, we let our imaginations soar freely by writing a complete novel, from which we could devise the script.” (Clarke, 1972)

E assim foi. A partir de determinado momento, o guião passou mesmo a ser escrito em simultâneo com a rodagem do filme. Algumas secções foram modificadas após Clarke ter visto algumas provas do filme. Enquanto Kubrik fazia o filme, Clarke tentava arranjar um final para o livro que, é claro, não podia ser estabelecido sem o aval de Stanley. O que veio a acontecer na primavera de 1968.

Ao ficcionar *2001 Odisseia no espaço* Clark e Kubrik incluíram muitos elementos realistas. Uma curiosidade: existe uma tribo que adora uma grande pedra preta e rectangular. Há também a Pedra Negra sagrada dos mussulmanos que se diz ser um meteorito. Mas isto não são mais que coincidências...

“we are dealing with the mystery of the Universe, and with powers and forces greater than man's comprehension, then by definition they could not be totally understandable.”
(Carke, 1972)

2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

FICHA TÉCNICA

- FILME: *2001: ODISSEIA NO ESPAÇO*
- REALIZAÇÃO: Stanley Kubrick
- ARGUMENTO: Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick
- PRODUÇÃO: Stanley Kubrick
- MÚSICA: Aram Khachaturyan (de "Ballet Suite Gayaneh")
György Ligeti (de "Atmospheres")
Richard Strauss (de "Also sprach Zarathustra")
Johann Strauss (de Blue Danube Waltz")
- CINEMATOGRAFIA: John Alcott e Geoffrey Unsworth
- ELENCO:

Keir Dullea	David Bowman
Gary Lockwood	Frank Poole
William Sylvester	Heywood Floyd
Daniel Richter (I)	Moonwatcher
Leonard Rossiter	Smyslov
Margaret Tyzack	Elena
Robert Beatty (I)	Halvorsen
Sean Sullivan (I)	Michaels
Douglas Rain	HAL 9000 (voice)
Frank Miller (I)	Mission Controller
Bill Weston	
Ed Bishop (I)	Lunar shuttle captain
Glenn Beck	
Alan Gifford	Poole's Father

Ann Gillis (I)
Edwina Carroll Stewardess
Penny Brahms Stewardess
Heather Downham
Mike Lovell
John Ashley (I)
Jimmy Bell
David Charkham
Simon Davis
Jonathan Daw
Péter Delmár
Terry Duggan
David Fleetwood
Danny Grover
Brian Hawley
David Hines (I)
Tony Jackson (I)
John Jordan
Scott MacKee
Laurence Marchant
Darryl Paes
Joe Refalo
Andy Wallace (I)
Bob Wilyman
Richard Wood (III)

- MONTAGEM: Ray Lovejoy
- DIRECÇÃO ARTÍSTICA: John Hoesli
- ASSISTENTE DE DIRECÇÃO: Derek Cracknell
- SOM: H.L.Bird, Winston Ryder, A.W. Watkins
- EFEITOS ESPECIAIS: Con Peterson
- GUARDA-ROUPA: Hardy Amies
- MAQUIAGEM: Stuart Freeborn

RESUMO DO FILME

Tendo por base a evolução do homem, desde a sua emergência do mundo animal até ao domínio de uma tecnologia capaz de construir entidades como o mega computador HAL, a grande questão que o filme coloca é a de saber qual será a próxima etapa?

O REALIZADOR - STANLEY KUBRICK

BIOGRAFIA

Aos dezassete anos de idade Kubrick começa a trabalhar como aprendiz de fotografo na revista *Look*.

Em 1950, usando todas as suas economias, consegue produzir o documentário *Day of the Fight* (1950) ao qual se seguem *Flying Padre* (1951), *Seafarers* (1952) e *Fear and Desire* (1953).

Os dois filmes seguintes de Kubrick - *Killer's Kiss* (1955) e *The Killing* (1956) - chamaram a atenção dos poderosos de *Hollywood* para a sua obra.

Em 1957 dirigiu *Paths of Glory* com Kirk Douglas que depois o chamou para produzir *Spartacus* (1960) galardoado com um Óscar.

Kubrick mudou-se para a Inglaterra onde fez todos os restantes filmes. O seu primeiro filme no Reino Unido foi *Lolita* (1962) seguido *Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb* (1964). este último constituiu um risco para Kubrick pois o "nuclear" nunca havia sido considerado tema de comédia.

O filme seguinte foi feito com a colaboração de Arthur C. Clarke; *2001: A space Odyssey* em 1968, unanimemente considerado como um dos melhores filmes de ficção científica jamais feitos.

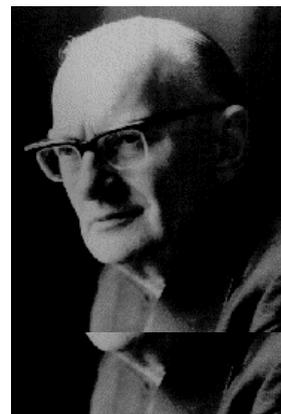
Entre os muitos filmes que realizou, Kubrick casou-se, teve filhos e "tornou-se imortal".

FILMOGRAFIA

1. Day of the Fight (1950)
2. Flying Padre (1951)
3. The Seafarers (1952)
4. Fear and Desire (1953)
5. Killer's Kiss (1955)
6. The Killing (1956)
7. Paths of Glory (1957)
8. Spartacus (1960)
9. Lolita (1962)
10. Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb (1964)
- 11. 2001: A Space Odyssey (1968)**
12. A Clockwork Orange (1971)
13. Barry Lyndon (1975)
14. The Shining, (1980)
15. Full Metal Jacket (1987)
16. Eyes Wide Shut (1999)

O AUTOR DO ARGUMENTO - ARTHUR CLARKE

Arthur C. Clarke, nasceu em 1917, na cidade costeira de Minehead, em Inglaterra. Em 1936, muda-se para Londres e adere à *British Interplanetary Society* onde inicia um série de experiências com material astronáutico. Ao mesmo tempo começa a escrever ficção científica e artigos no boletim da BIS.



Durante a 2ª Guerra Mundial, como oficial da RAF, fica encarregue do primeiro equipamento de radar para controlo de aterragem. O seu único romance, que não é ficção científica, "Glide Path", baseia-se neste trabalho. Depois da guerra, regressa a Londres e à BIS à qual preside entre 1946-1947 e 1950-1953.

Em 1945, publica "Extra-terrestrial Relays" um artigo científico onde estabelece os princípios da comunicação com satélites em órbitas geoestacionárias - uma especulação que se veio a realizar 25 anos depois. Esta invenção trouxe-lhe numerosos prémios, tais como o *Marconi International Fellowship* em 1982 e a medalha de ouro do *Franklin Institute*. Significativo é o facto de a União Astronómica Internacional ter dado o nome de **Órbita de Clarke** à órbita geoestacionária situada a 42.000 quilómetros da Terra.

Em 1954 Clarke escreve ao Dr. Harry Wexler, então chefe da Divisão de Serviços Científicos do Departamento Meteorológico dos Estados Unidos, sobre as aplicações dos satélites nas previsões meteorológicas. Desse contacto nasce um novo ramo da meteorologia e o Dr. Wexler torna-se a força motriz na utilização de foguetões e satélites para a pesquisa e operações meteorológicas.

Em 1964, Clarke começa a trabalhar conjuntamente com Stanley Kubric num guião de um filme de ficção científica. Quatro anos depois partilham um Oscar para o filme **2001: Odisseia no Espaço**.

O livro seguinte - *2010: Segunda Odisseia* - só será publicado em 1985.

Em 1966 Clarke passa a viver em Colombo no Sri Lanka.

INTRODUÇÃO

Passagens do *Epílogo* da edição de 1982 de *2001: Odisseia do espaço* escrito pelo próprio Arthur C. Clarke

“No livro, o destino da nave espacial *Discovery* é Iapetus (ou Japetus), a mais enigmática das luas de Saturno. O sistema Saturniano é alcançado via Júpiter: a *Discovery* aproxima-se do gigantesco planeta, e usa o seu enorme campo gravitacional para produzir um efeito “estilingue”, que a acelera para a segunda parte da viagem. Exactamente a mesma manobra foi feita pelas sondas espaciais *Voyager*, em 1979, aquando do primeiro reconhecimento pormenorizado dos gigantes exteriores.”

“Ninguém imaginava, nos anos sessenta, que a exploração das luas de Júpiter não se daria no próximo século, mas sim quinze anos depois. Nem ninguém sonhava com as maravilhas que aí seriam descobertas... mas podemos ter a certeza de que os achados dos *Voyagers* gémeos serão, um dia, ultrapassados por descobertas ainda mais inesperadas. Quando o *2001* foi escrito, Io, Europa, Ganimedes e Calisto, não passavam de meros pontos de luz, mesmo quando observados ao telescópio mais potente; hoje, são mundos, cada um deles único; e Io, o corpo mais vulcanicamente activo do Sistema Solar.”

“Não deve, também ser esquecido, que *2001* foi escrito antes de uma das Grandes Divisórias da história humana; ficámos apartados dela para sempre no momento em que Neil Armstrong deu o primeiro passo na Lua.”

“Mais tarde, quando o relatório da missão *Apollo 13* foi publicado, o administrador da NASA Tom Paine mandou-me uma cópia, onde apontou, por baixo das palavras de Swigert: “Tal como você sempre disse que ia ser, Arthur.” Ainda tenho uma sensação estranha quando penso em toda esta série de acontecimentos – como se também eu tivesse uma certa parte de responsabilidade.”

“Ao contrário do que normalmente se pensa, os escritores de ficção científica raramente tentam *predizer* o futuro; como Ray Bradbury tão bem exprimiu, tentam mais frequentemente *precavê-lo*. Em 1964, o

primeiro período heróico da Era Espacial começava a vislumbrar-se; os Estados Unidos haviam decidido ir à Lua, e, uma vez tomada tal decisão, a conquista de outros planetas seguir-se-ia inevitavelmente. Parecia bastante razoável pensar que, por volta de 2001, haveria estações espaciais gigantes em órbita à volta da Terra e – um pouco mais tarde – expedições tripuladas aos planetas.”

“2001 não chegará com o ano 2001. No entanto – salvo atrasos acidentais - quase tudo o que foi descrito no livro e no filme estará numa fase avançada de planeamento. Quase tudo, excepto a comunicação com inteligências extraterrestres: *isso* é algo que nunca poderá ser planeado – só previsto. Ninguém sabe se acontecerá amanhã... ou daqui a mil anos.

Mas, um dia, há-de acontecer.”

NOITE ANCESTRAL

“ A seca durava já havia dez milhões de anos, e o reino dos terríveis lagartos terminara muito tempo atrás.”

Assim começa 2001 – *Odisseia no Espaço*, livro no qual somos convidados a viajar desde a pré-história até um tempo ainda não alcançado.

Em África, há milhões de anos atrás, trava-se uma batalha pela sobrevivência. O prémio (a vida) só é atribuído aos mais ferozes e destemidos. No meio dessa terrível luta o homem primitivo tentava a custo sobreviver. Entre estes, destaca-se um, *Sentinela-da-Lua*, em cujos olhos “se lia o despertar de uma consciência”.

Sentinela-da-Lua e a sua tribo alimentavam-se de bagas, frutos e folhas.

No meio da paisagem familiar, *Sentinela-da-Lua* deparou-se um dia com um estranho objecto: “a Nova Pedra”. Tal acontecimento despertou nele curiosidade e, depois de muito meditar, concluiu que se tratava de... uma pedra.



Mas a “pedra” começou a emitir uma vibração. Como que hipnotizados pelos sons e luzes que dela saíam, os homídeos deixam-se ficar a contemplar o estranho fenómeno. Todos foram “possuídos” e levados a desempenhar tarefas específicas. Consoante falhavam ou tinham êxito, assim eram “recompensados com espasmos de prazer ou castigados com sensações de dor.”

Quando tudo isto cessou, nenhum deles se recordava e continuaram o seu caminho, indiferentes ao "cristal". Na noite seguinte, o cristal atraiu novamente a tribo, concentrando-se apenas nos indivíduos mais promissores. Entre eles encontrava-se *Sentinelada-Lua* que, sob o poder do cristal, começou a ter visões. Visões que lhe mostravam um grupo de homens, fartos e saciados, envergando peles macias e lustrosas. Pela primeira vez, teve uma vaga sensação de insatisfação com a sua própria vida.

Estas visões repetiram-se durante várias noites. O processo de aprendizagem era lento e moroso. Mas o "monólito de cristal" tinha "paciência".

Após várias luas, toda a tribo estava diferente. Tinham aprendido com o monólito a manejar alguns instrumentos, tais como paus, ossos e pedras aguçadas.



Da fome que haviam passado já não se lembravam. Aceitavam o seu novo modo de vida como se assim tivessem vivido sempre, sem o associarem nunca à estranha "pedra" que um dia tinha surgido do nada.

Então o mundo começou a mudar. As lidas do Gelo chegaram e partiram, deixando as suas marcas por toda a parte. Todos aqueles que não se conseguiram adaptar foram eliminados. Ao contrário de muitas espécies, os homídeos tinham deixado descendentes que se tinham modificado, adaptando-se ao novo mundo.

Os primeiros Homens não possuíam utensílios melhores que os seus antepassados. Mas eram mais hábeis no seu manejo e tinham inventado o

instrumento mais poderoso de todos – a fala. Agora a sabedoria podia passar para a geração seguinte que ia partir dos ensinamentos da anterior.

“A pedra deu lugar ao bronze e depois ao ferro. À caça sucedeu a agricultura. A tribo transformou-se em aldeia, a aldeia em cidade. A palavra tornou-se eterna graças a certas marcas em pedra, barro e papiro. Depois, inventou a filosofia e a religião.”

Daqui, damos um pulo para um futuro que, está cada vez mais perto de nós.

AMT-1

Pela primeira vez, uma missão era posta em andamento para transportar um único homem até à Lua. Esse homem era o Dr. *Heywood Floyd*, presidente do Conselho Nacional de Astronáutica. O seu objectivo era a Base *Clavius*, que se situava na segunda maior cratera da Lua.

Esta base podia tornar-se auto-suficiente em caso de emergência, pois todas as necessidades da vida eram produzidas a partir das rochas locais. Na base, tinha sido construída uma estufa com plantas com mutações especiais, concebidas especificamente para renovarem o O₂ do ar, purificando assim a atmosfera daquele sistema fechado. A comida era feita a partir de uma espuma verde, composta de algas e produtos químicos, convertida depois em costeletas e bifes aparentemente verdadeiros.



O Dr. *Floyd* foi chamado a *Clavius* devido ao aparecimento de uma anomalia magnética em *Tycho (AMT-1)* ou *Monólito de Tycho*. As escavações no local revelaram “uma lâmina vertical de um material negro como azeviche (...) de contornos perfeitos e simétrica (...) era tão preta que parecia engolir a luz”. Tinha cerca de 3 milhões de anos e era a primeira prova de vida inteligente fora da Terra.

“3 milhões de anos! O panorama infinitamente povoado da história escrita, com os seus impérios e reis, os seus triunfos e as suas tragédias, mal cobria um milésimo de tão aterrador período de tempo.” Nem o Homem, nem a grande maioria dos animais que agora viviam, existiam quando tal objecto fora ali enterrado. Sim, enterrado. Disso não haviam dúvidas.

Ninguém sabia o que aquilo era: santuário, posto de observação, túmulo, instrumento geofísico eram algumas das sugestões. Também não se sabia donde teria vindo. A hipótese mais provável era ter vindo das Estrelas.

A sua existência antiquíssima introduzia porém uma novidade absoluta.

Mesmo que não se descobrisse nada sobre a AMT-1, mesmo que continuasse a ser um mistério, o Homem saberia que não está sozinho no Universo. E as implicações dessa novidade eram imensas. Todos teriam a sua vida, os seus valores, a sua filosofia subitamente alterados por este novo conhecimento.

Porém, de repente, a AMT-1 começou a emitir um som estridente, ensurdecedor. “Após 3 milhões de anos de escuridão, a AMT-1 saudara a madrugada lunar.” Todos os satélites e sondas que vagueavam pelo espaço registaram aquela “erupção de energia”.

“Uma forma imaterial de energia (...) saltara da superfície da Lua, e dirigia-se directamente às estrelas.”

ENTRE PLANETAS

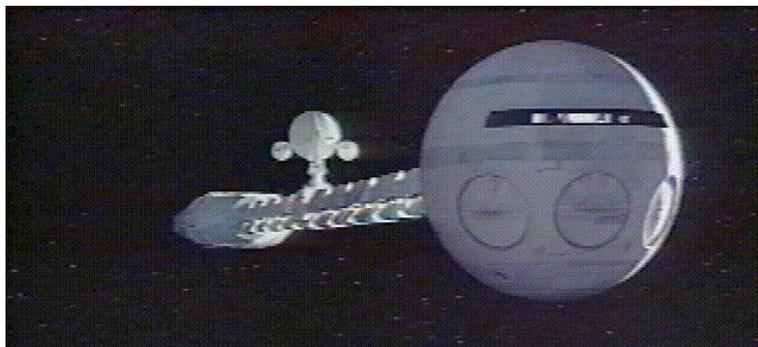
A bordo da nave espacial *Discovery I* viajavam, já há trinta dias, cinco pessoas que faziam parte da primeira viagem tripulada à volta dos planetas maiores.

O objectivo principal era Saturno. Dos cinco, apenas dois estavam acordados, os outros três (Whitehead, Kaminski e Hunter) encontravam-se em hibernação pois só seriam precisos quando a nave entrasse na órbita de Saturno. Frank Poole e David Bowman tinham que tripular a nave até ao seu destino, função na qual eram auxiliados pelo sexto membro da tripulação, o computador HAL 9000 (cérebro e sistema nervoso da nave).

Hal era capaz de reproduzir a maior parte das actividades do cérebro humano, mas com maior velocidade e rapidez. A sua principal tarefa era monitorizar os sistemas de apoio de vida dos quais dependiam as vidas dos outros tripulantes e vigiar os sistemas de hibernação. Numa emergência, Hal poderia tomar o comando da nave.

No dia-a-dia da nave, Bowman e Poole trabalhavam doze horas assumindo alternadamente o comando e nunca dormindo ao mesmo tempo. Ambos tinham um programa diário idêntico e os dois horários completavam-se sem fricções.

Mesmo a 30 milhões de quilómetros, Júpiter constituía o objecto mais notório no céu, pois este tem aproximadamente onze vezes o diâmetro da Terra. A *Discovery* levaria cerca de duas semanas a atravessar as órbitas de todos os satélites de Júpiter, entre os quais: Io, Europa, Ganimedes e Calisto.



Mesmo viajando à velocidade da luz, as informações demoravam cerca de uma hora a chegar à Terra, mas mesmo assim fluíam constantemente.

Júpiter estava agora a apenas duas horas e Hal verificava vezes sem conta a órbita da nave. Mesmo sabendo que tudo estava programado ao milímetro era difícil não acreditar que a *Discovery* não estivesse a dirigir-se ao planeta. Duas sondas haviam sido lançadas para examinar Júpiter.

Uma delas ardeu antes de dar alguma informação, a outra conseguiu entrar na atmosfera do planeta. A bordo da *Discovery*, a quase 400 mil quilómetros de distância, começaram a chegar as primeiras informações sobre Júpiter relativas à composição atmosférica, pressão, temperatura, radioactividade e dezenas de outros factores só decifráveis pelos especialistas na matéria.

VÓRTICE

Entretanto, Hal verifica que a unidade EA-35 deixará de funcionar dentro de aproximadamente 72 horas, devido a uma avaria. Esta unidade é um pequeno componente, situado na antena principal e que a mantém apontada em direcção à Terra com uma precisão de milésimos de grau.

Depois de pedirem permissão ao Comando da Missão, Frank Poole o mais qualificado para este tipo de trabalhos, sai a bordo num dos casulos espaciais, preso por um cordão, e procede à reparação substituindo a unidade avariada por uma sobresselente e retorna à nave.

Na oficina da *Discovery*, Poole e Bowman, ao fazerem testes na unidade retirada, verificam que esta não tem qualquer tipo de avaria; surge então a hipótese de Hal ter cometido um erro. Interrogado o Comando da Missão, tomam consciência que o problema está nos circuitos de previsão de Hal e que, para o poderem resolver, têm que desligar o computador.

De repente Hal avisa que uma segunda unidade está prestes a avariar-se, mas como antes havia acontecido o Comando da Missão anuncia que a avaria não se verifica. Nesse momento, todas as comunicações são interrompidas. Poole vai mais uma vez ao exterior da nave, repetindo todo o processo. Já no exterior, quando começava a trocar a unidade, vê o casulo espacial deslocar-se na sua direcção. Embora tente que Hal o desactivasse, a verdade é que o casulo vem chocar com Poole e arrasta-o em direcção às estrelas.



Desesperado Bowman vai falar com Hal. A cada frase, vai-se apercebendo que o que aconteceu não foi um acidente, isto é, que Hal assassinou o seu companheiro.

De repente as comportas na garagem dos casulos começam a abrir-se e Bowman começa a sentir que está a ser puxado, a ser sugado. Além disso, a pressão aumenta cada vez mais o que o impedia de respirar. Num acto de desespero, corre para o abrigo de emergência, o único sítio onde poderia sobreviver. Passado algum tempo, Bowman repara que as comportas voltaram a ser fechadas. Depois de vestir um fato espacial, sai do abrigo e dirige-se à sala de comando, onde verifica, como já suspeitava, que todos os que estavam em hibernação se encontravam mortos muito antes de aquilo acontecer.



O seu único objectivo é agora desligar Hal. Só assim asseguraria a sua sobrevivência. Já no centro nervoso de Hal, desliga uma a uma todas as secções de memória de Hal que, pouco a pouco, vai deixando de funcionar.

Sozinho, Bowman começa a reparar todas as avarias da *Discovery*, emitindo depois para a Terra um comunicado a explicar tudo o que acontecera. Após duas horas de espera, recebeu uma resposta do Dr. Heywood Floyd. Após lamentar o sucedido, Floyd revela-lhe o verdadeiro objectivo da missão. Envia-lhe então todos os dados recolhidos sobre a AMT-1 desde a sua descoberta. Explica-lhe que a libertação de energia do monólito, atravessara o Sistema Solar dirigindo-se para Saturno, mais especificamente para um dos seus satélites Japetus, sendo o reconhecimento deste último o objectivo da missão. O monólito não era mais do que uma espécie de alarme que, uma vez exposto à superfície, havia disparado.

AS LUAS DE SATURNO

Para esquecer toda a tragédia Bowman trabalha. Tinha que de pôr a Discovery completamente operacional o mais depressa possível se queria sobreviver. Quando tudo já estava a funcionar sem necessidade de grande atenção da sua parte, Bowman dedicou-se à análise dos dados que lhe haviam sido enviados sobre a AMT-1.

Depois de ter dado o “alarme”, a lâmina preta não fizera mais nada. Ninguém tinha dúvidas da existência de uma relação entre a AMT-1 e o sistema Saturniano, mas este era demasiado hostil para abrigar qualquer tipo de vida. Talvez os visitantes da Lua viessem de fora do Sistema Solar. “(...)se a AMT-1 enviara realmente uma mensagem para as estrelas (...) então esta levaria anos a atingir o seu destino, (...) mesmo que a resposta fosse imediata, a humanidade disporia ainda de um tempo para respirar – talvez décadas ou, mais provavelmente, séculos.”

A *Discovery* mergulha então no enorme sistema de luas de Saturno. Passou **Febe**, à frente da qual se encontravam **Japetus**, **Hipérion**, **Titã**, **Réia**, **Diane**, **Tétis**, **Enceladus**, **Mimas**, **Janus** e os anéis do planeta que se encontrava a menos de um dia de viagem. Todos os satélites, menos Japetus, tinham marcas de crateras de meteoros. Este apresentava uma estranha geografia: o hemisfério que virava sempre o mesmo lado para Saturno era extremamente escuro, enquanto que o outro tinha uma grande oval branca que se encontrava virada para o sol e para a Terra. Bowman convenceu-se que esta elipse era um enorme olho, que o vigiava na sua aproximação. Ao aproximar-se, viu algo que o deixou completamente estupefacto: a íris do suposto olho era uma grande lâmina vertical. “É exactamente como a coisa que encontraram na Lua! Este é o irmão mais velho da AMT-1.”

Espantado por ter encontrado ali uma lâmina semelhante à AMT-1, Bowman faz uma saída extraveicular para estudar de perto o objecto. Ao abandonar a nave tem a estranha sensação de que não irá voltar. Mas o mais provável era não aguentar vivo os cinco anos que teria de esperar por salvamento.

ATRAVÉS DO PORTÃO ASTRAL

Ao sobrevoar o Portão Astral, Bowman reparou que se tratava de um poço vertical, que desafiava as leis da perspectiva pois o seu tamanho não diminuía com a distância. “Esta coisa é oca... nunca mais acaba (...) está cheia de estrelas!” Num ápice, foi “engolido”.

“Não se sentia em movimento, mas estava a cair em direcção àquelas impossíveis estrelas, que brilhavam no coração escuro de uma lua.”



Parecia que nunca mais iria atingir o fundo daquele poço de estrelas. Mas, entretanto, o fundo começou a ficar mais claro. Estava a sair.

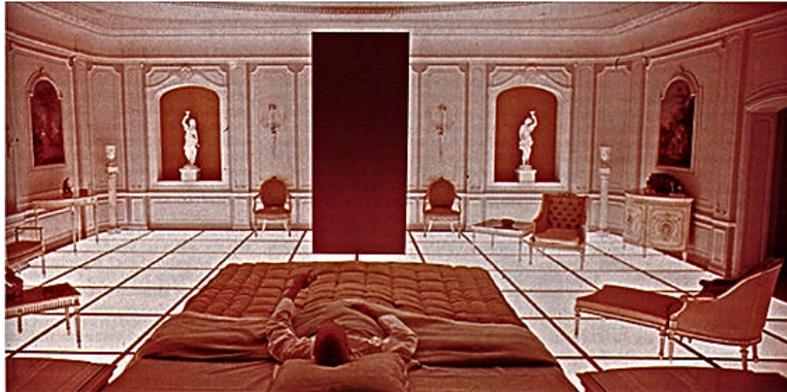
O lugar onde for a dar parecia ser o avesso do espaço tal como o conhecemos. De repente começou novamente a cair “na direcção de mais um distante pedaço de estrelas”. Bowman sabia que não estava a voltar ao Sistema Solar. Embora voltasse ao espaço, tal como o conhecemos, percebeu que se encontrava a séculos-luz da Terra.

No meio daquela imensidão, Bowman deparou-se com um enorme sol vermelho no qual parecia nascer outro sol, este mais pequeno e muito mais brilhante. Tratava-se de uma Anã Branca que orbitava em torno do sol vermelho. O casulo espacial estava cada vez mais perto do sol, tanto que este já enchia todo o céu. Mas Bowman não sentia medo, pois sentia que era protegido por uma inteligência quase onipotente.

Depois de atravessar o sol, entre tempestades nucleares, o casulo poisou, imobilizou-se e Bowman deparou-se com algo que lhe deu a certeza de ter enlouquecido. O casulo havia poisado no soalho polido de um elegante apartamento de hotel. A única incongruência era o seu casulo espacial estar poisado no meio de uma salinha-de-estar. Mas tudo aquilo era real. Só podia fazer duas coisas; ou ficar no casulo à espera, ou sair.

Embora tudo fosse real, tratava-se de uma farsa. O telefone não tinha som, as gavetas não abriam, os livros e revistas nada mais eram do que as capas recheadas de folhas em branco e alguns livros não podiam sequer ser retirados das prateleiras.

Bowman tirou o fato espacial. Sentia-se ridículo com ele, num ambiente todo ele criado para um humano. Na cozinha começou a inspeccionar a comida e, depois de saciar a fome, tomou um duche e deitou-se na cama.



Daí a algum tempo dormia profundamente.

Sem acordar, pareceu-lhe estar a flutuar. mas, de repente “passou a um reino de consciência nunca antes experimentado por nenhum Homem.” Apercebeu-se que o tempo estava a andar para trás. Ia reviver todos os momentos da sua vida.

Quando deu por si, já havia voltado ao espaço que os Homens chamam real. À sua frente flutuava a Terra como um brinquedo a que nenhuma criança poderia resistir. Ainda desconhecia os seus poderes, “pois embora fosse senhor do mundo não sabia o que fazer a seguir. Mas acabaria por descobrir alguma coisa.”



BIBLIOGRAFIA

Clarke, Arthur C.; *2001 - Odisseia no espaço*; Lisboa: Publicações Europa-América, Coleção Ficção Científica nº197

Clarke, Arthur C.; *Report on Planet Three and Other Speculations*; London/New York: Harper and Row; 1972.